

Produção técnica de Cooperativismo

Cooperativas de crédito: Uma análise comparativa entre o sistema de crédito Cooperativo da Alemanha e do Brasil

Credit unions: A comparative analysis between the Credit Union systems of Germany and Brazil

Bernardo Frantz¹, Patrícia Karabasch da Silva Brustolin¹, Isnar dos Passos¹,
Carlos Giovanio Rhis¹, Luis Felipe Maldaner¹

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos , São Leopoldo, RS, Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo é realizar um exame teórico e comparativo entre o sistema de crédito cooperativo brasileiro e o sistema de crédito cooperativo da Alemanha, que serviu de prelúdio para a criação e implementação do sistema de crédito cooperativo em ambas as nações. As principais características das cooperativas financeiras no Brasil e posteriormente na Alemanha são reveladas por meio da análise bibliográfica de livros, periódicos e sites. Depois de comparar os dois sistemas, descobriu-se que a nação europeia continuou a se desenvolver e aumentar sua população, apesar do declínio no cooperativismo de crédito nos últimos anos. Concluímos o trabalho com recomendações de como a cooperativa de crédito brasileira deve se comportar daqui para frente, a fim de se equiparar ao calibre do sistema cooperativo alemão, incluindo a promoção de cooperativas de crédito em todo o país, a fim de aumentar sua visibilidade e acessibilidade a todos os brasileiros.

Palavras-chave: Cooperativas de crédito; Sistema Cooperativo; Brasil; Alemanha

ABSTRACT

This article's goal is to conduct a theoretical and comparative examination of the Brazilian cooperative credit system and Germany's, which served as a prelude to both nations' creation and implementation of the cooperative credit system. The key characteristics of financial cooperatives in Brazil and later in Germany are revealed through bibliographical analysis of books, journals, and websites. After comparing the two systems, it was discovered that the European nation had continued to develop and increase its population. We conclude the work with recommendations as to how the Brazilian credit union should conduct itself going forward in order to match the caliber of the German cooperative system, including the promotion of credit unions across the nation in order to increase their visibility and accessibility to all Brazilians.

Keywords: Credit Union; Cooperative System; Brazil; Germany

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século passado, o cooperativismo, cujas raízes estão ligadas a formas de ajuda mútua entre pessoas com necessidades e interesses semelhantes evoluiu para mais do que apenas um movimento de ação social. Ele tornou-se também uma forma significativa de organização social, possibilitando e promovendo o desenvolvimento da sociedade em escala mais global. (Meinen *et al.*, 2012). Para atender aos seus interesses e necessidades econômicas, sociais e culturais, as cooperativas são consideradas como associações voluntárias de pessoas físicas cuja gestão é regida por princípios democrático. (Westphal, 2008).

O cooperativismo é baseado em conceitos que são universalmente reconhecidos e seguidos, mas cada país tem suas próprias experiências com o cooperativismo. Dessa forma, comparar experiências organizacionais além das fronteiras nacionais pode apontar características que podem ser estudadas, examinadas, revisadas e aprendidas umas com as outras. (Thenório Filho, 2002).

As cooperativas de poupança e crédito, os bancos cooperativos e os bancos Shinkin são apenas alguns exemplos dos intermediários financeiros de propriedade dos membros que compõem as instituições financeiras cooperativas (Mckillop, 2020). Na América do Norte, as cooperativas de crédito e as caixas populares são amplamente utilizadas, embora os bancos cooperativos sejam a estrutura organizacional preferida em muitos países europeus. Entre as nações, e particularmente entre nações avançadas e em desenvolvimento, existem diferenças na composição institucional, no cenário legal e regulatório, nas ofertas de produtos e nos modelos de negócios (Cuevas, 2018).

A trajetória do cooperativismo de crédito no Brasil iniciou-se com o objetivo de solução de dificuldades financeiras dos imigrantes, de acordo com Falkembach *et al.*, (2023, p. 8): “No Brasil, o cooperativismo de crédito aconteceu com a chegada dos imigrantes alemães e italianos, tendo como objetivo resolver problemas de acesso a crédito, produção e consumo.”

Com o objetivo de comparar aspectos da legislação, organização interna e compreensão da organização do trabalho nos sistemas cooperativos de dois países diferentes, bem como apresentar diferenças na constituição histórica dos sistemas cooperativos no Brasil e na Alemanha, este trabalho compara esses aspectos. Também analisa a introdução e a importância do cooperativismo nessas nações. (Westphal, 2008).

2 CONCEPÇÃO DO COOPERATIVISMO

Muitos autores consideram que o cooperativismo está diretamente ligado à cooperação. (Scopinho, 2007; Camargo, 1960). Para Ferreira (2010), “cooperar é operar juntamente com o outro, ou seja, o ato ou o efeito de colaborar”. Já o cooperativismo, é conceituado por vezes e reconhecido como uma teoria, um sistema, um movimento ou uma técnica de gestão de grupos associados. (Pinho, 2004).

De acordo com a International Cooperative Alliance (ICA), “a cooperativa é uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para satisfazer as suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns através de uma empresa de propriedade conjunta e democraticamente controlada”. (ICA, 2022).

As cooperativas são organizações que se concentram mais nas pessoas do que no dinheiro, de acordo com a International Cooperative Alliance (ICA). Elas são grupos independentes de pessoas unidas voluntariamente para satisfazer as suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns através de uma empresa de propriedade conjunta e democraticamente controlada (ICA, 2022). Seguindo a mesma vertente, autores afirmam que a exigência de uma economia solidária deu origem ao cooperativismo. (Singer, 2010).

Segundo Mendes *et al.*, (2023), há uma diversidade de modelos de cooperativas, que podem responder a determinadas demandas de uma comunidade ou de uma região. Além disso, “existem muitos modelos de cooperativas, normalmente possuem um corpo administrativo empenhado na busca pelo crescimento e fortalecimento da cooperativa (Mendes *et al.*, 2023, p. 3)”.

Henri Desroche, um sociólogo francês, foi um importante precursor acadêmico do conceito de cooperativismo no Brasil em 1976, concentrando-se particularmente em questões relativas à pesquisa-ação e ao projeto cooperativo. Foi observado que o principal objetivo de Desroche em suas pesquisas durante sua estada no Brasil era avançar nos estudos sobre as experiências cooperativas ou associativas e a sociologia das religiões em sua condição de “estudioso do cooperativismo em suas diversas vertentes econômicas, sociais, organizacionais e aspectos educacionais”. (Thiollent, 2012).

Por outro lado, as cooperativas de crédito são concebidas por organizações financeiras cooperativas internacionais que atuam de duas formas: como bancos cooperativos ou como cooperativas de crédito. Essas instituições foram estabelecidas por um grupo independente de indivíduos que se uniram voluntariamente, com forma própria, personalidade jurídica e objetivos sem fins lucrativos. Eles visam fornecer quase todos os serviços e produtos financeiros disponibilizados pelos bancos convencionais, mas de uma forma mais fácil e benéfica para seus associados. (Meinen; Port, 2012).

Em seu estudo sobre o cooperativismo de crédito, Falkembach, *et al.*, (2023) acrescentaram um componente a mais na atividade das Cooperativas de Crédito da Região das Missões do Rio Grande do Sul. Para esses autores, há um consenso entre os associados que a Cooperativa de Crédito, a qual estão filiados, também promovem o desenvolvimento regional ao manter uma atuação próxima da comunidade, procurando atender as suas necessidades creditícias e prover serviços bancários.

2.1 Cooperativismo de Crédito

Em razão da turbulência que a Revolução Industrial do século XVIII provocou, fontes históricas identificam a Inglaterra como o país onde surgiu o cooperativismo (Meinen; Port, 2012). No entanto, Menezes (2005) afirma que o ano de 1844 é reconhecido como o início do cooperativismo de consumo. O incidente aconteceu em Rochdale, em Manchester.

Pinho (2004) afirma que o movimento cooperativo começou a se espalhar para outros continentes no século XX, após o término da Primeira Guerra Mundial.

Quatro líderes visionários que atuaram na Alemanha, Itália e Canadá, Herman Schulze Delitzsch, Friedrich Wilhelm Raiffeisen, Luigi Luzzatti e Alphonse Desjardins, tiveram impacto no desenvolvimento das cooperativas de crédito. (Menezes, 2004).

Canassa *et al.*, (2022), elaboraram um estudo comparando a oferta de crédito realizada pelas cooperativas de Crédito com a oferta de crédito realizada pelos bancos tradicionais. Os resultados do estudo desses autores apontam “que a procura por crédito nas cooperativas de crédito brasileiras não foi robusta às recessões e não foi menos sensível à atividade econômica do que a procura por crédito nos bancos comerciais (Canassa *et al.*, 2022, p. 4)”.

O Conselho Mundial de Cooperativas de Crédito (WOCCU), a Aliança Cooperativa Internacional (ICA), a Associação da Confederação Asiática de Cooperativas de Crédito (ACCU), a Associação Internacional de Bancos Cooperativos (ICBA), a Associação Internacional de Cooperativas de Crédito, e o Conselho Mundial de Cooperativas de Crédito são agora as entidades que representam as cooperativas de crédito em âmbito global. (Woccu, 2022).

2.2 Modelos de Cooperativas de Crédito

A lista a seguir inclui os tipos mais comuns de cooperativas de crédito que perduraram ao longo dos anos e hoje são admiradas por sua importância e excelência em escala global. São eles o modelo Schulze-Delitzsch, o modelo Raiffeisen, o modelo Luzzatti, o modelo Desjardins e o modelo Filene.

O modelo Schulze-Delitzsch de Hermann Schulz é o primeiro a ser discutido. Ele passou parte significativa de sua vida estabelecendo o cooperativismo na Alemanha e fundando os primeiros bancos conhecidos por lá, conhecidos como Vorschussvereine, segundo Menezes (2005). A concepção do projeto que, em março de 1967, serviria de base para a elaboração do primeiro Código Cooperativo Alemão é uma de suas

realizações mais importantes. O modelo Schulze-Delitzsch “reconheceu que a associação é o mecanismo descoberto pela sociedade para atuar efetivamente em setores que o Estado não consegue atingir”, segundo o Portal do Cooperativismo.

A adoção do princípio da ajuda mútua, segundo o qual todos devem se ajudar para o crescimento da cooperativa, é elencada por Thenório Filho (2002) como a principal característica das cooperativas de Hermann, a responsabilidade irrestrita dos sócios, sendo cada um igualmente responsável pela cooperativa como um todo; Os acionistas deveriam receber o excedente líquido na proporção do respectivo capital, regra democrática que concedia a cada associado o direito a um voto; áreas de atuação irrestritas, permitindo que a cooperativa invista nas áreas onde é prático e necessário; Empréstimos de curto prazo emitidos de acordo com as práticas bancárias convencionais; e, por fim, um conselho composto por executivos remunerados.

O Raiffeisen é o seguinte modelo a ser discutido. As cooperativas de crédito fundadas por Friedrich Wilhelm Raiffeisen, segundo Singer (2002), tinham uma abrangência territorial mais estreita porque as distâncias das cidades rurais eram muito maiores do que as distâncias das cidades metropolitanas. Cooperativas menores permitiriam interações mais íntimas entre os membros. Os associados deveriam possuir terras ou, se fossem arrendatários, possuir bens tangíveis, e ter sua conduta moral comprovada pelos vizinhos.

As seguintes características são atribuídas às cooperativas de crédito de Raiffeisen por Thenório Filho (2002): Fundamentam-se no valor cristão do amor ao próximo; Aceite a ajuda caritativa, mesmo que a ideia de ajuda mútua seja favorecida; Eles enfatizam a importância do desenvolvimento moral de cada membro porque todos são igualmente e solidariamente responsáveis pelas dívidas contraídas pela cooperativa; Incentivar a constituição de um banco central com o objetivo de atender às demandas das cooperativas de crédito; Não há remuneração para os diretores da empresa, e qualquer excedente não é distribuído.

Luzzatti é o terceiro modelo de crédito cooperativo. O primeiro banco cooperativo

foi estabelecido em Milão, seguindo o modelo alemão Schulze-Delitzsch, e foi fundado pelo italiano Luigi Luzzatti. Menezes (2005) avalia o trabalho de Luzzatti, que promoveu e contribuiu para a criação de bancos populares (também conhecidos como Bancos do Povo), dos quais se espera atender todas as demandas de crédito de seus clientes. As suas cooperativas devem ter uma provisão de crédito baseada principalmente nos fundos que os seus membros acumularam (subscrição de capital e depósitos). Luzzatti “respeitava o senso de responsabilidade dos sócios, convocando-os a uma conduta de economia solidária sob estritas normas morais”, conforme Menezes (2005).

Desjardins, o quarto modelo, marcou o início do movimento para trazer os conceitos de cooperativa de crédito para fora da Europa. Segundo Thenório Filho (2002, p. 103), um dos principais objetivos do canadense Alphonse Desjardins era estabelecer uma Caixa Popular que funcionasse com características próprias e aderisse aos modelos de Luzzatti, Schulze-Delitzsch e Raiffeisen já existentes. Desjardins continuou a defender um ideal coletivo em Thenório Filho (2002) com a intenção de atender às inquietações dos canadenses de ascendência francesa, frequentemente alvo do agressivo e brutal sistema financeiro da época.

O Filene é o quinto e último modelo a ser mostrado. As cooperativas de crédito entraram nos Estados Unidos da América graças a Edward J. Filene. Como um capitalista com consciência social, Filene forneceu financiamento para a formação de cooperativas de crédito, bem como para sua divulgação e uso. Em sua obra, Filene é retratado por Thenório Filho (2002) como um homem de ampla perspectiva humanista e empreendedora, constantemente preocupado com as questões enfrentadas pelos trabalhadores em geral. Em 1909, Filene fundou a primeira cooperativa de crédito, conhecida como Caixa Popular de Santa Maria, nos Estados Unidos da América. Ele fez isso em colaboração com Alphonse Desjardins.

Quadro 1 – Modelos de Cooperativas de Crédito

Schulze-Delitzsch (Alemanha)	Raiffeisen (Alemanha)	Luzzatti (Itália)	Desjardins (Canadá)	Filene (EUA)
“Associação é o meio encontrado pela sociedade para atuar de forma eficaz em setores que o Estado não consegue atingir.”	Abrangência territorial menor, uma vez que as distâncias das cidades do campo eram consideravelmente maiores que a distância das cidades urbanas.	Estimulou e trabalhou na criação de bancos populares (conhecidos como Bancos do Povo).	Criação de uma Caixa Popular que operasse com características próprias.	Constituiu a primeira cooperativa de crédito, denominada Caixa Popular de Santa Maria, em 1909.

Fonte: Adaptado de Wesphal, 2008

3 MÉTODO

Este estudo teve por objetivo realizar uma comparação entre os sistemas de crédito cooperativo do Brasil e da Alemanha. A justificativa para a escolha da Alemanha como base comparativa se deve ao fato de que a primeira Cooperativa de Crédito no Brasil foi fundada por um padre Jesuíta originário da Alemanha. Esse aspecto particular motivou os autores deste estudo para entender o sistema de crédito cooperativo daquele país.

Dessa forma, tratou-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória em publicações que tratavam do tema, especialmente no que tange ao sistema germânico. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória descritiva visa entender fenômenos desconhecidos dos pesquisadores, e pode ser realizada em fontes secundárias, especialmente quando fontes primárias são de difícil acesso.

Segundo Malhotra (2001), a pesquisa descritiva tem características que se relacionam diretamente ao fenômeno a ser estudado, especialmente quando se quer obter informações detalhadas de um tema que ainda não é de domínio dos pesquisadores.

Saccol *et al.*, (2012) entendem que a escolha do método está relacionada

ao objeto de estudo, em especial no que se refere a sua finalidade. Com relação à metodologia, este estudo pode ser classificado como uma pesquisa descritiva que tem a finalidade de descrever e comparar os modelos de crédito cooperativo do Brasil e da Alemanha. Gil (2008) refere que a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinado fenômeno, estabelecendo relações entre as variáveis em análise, o que é justamente o caso do presente estudo. Dessa forma, sobre o sistema de crédito cooperativo germânico, foram pesquisados artigos e publicações oficiais, tais como o arcabouço legal que rege o sistema, bem como publicações da ACI (Aliança Cooperativa Internacional).

4 COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NA ALEMANHA

Reconhecido no mundo inteiro como um exemplo de estrutura sistêmica, valor dos ativos e solidez, o cooperativismo de crédito da Alemanha acredita em apenas poucos bancos para poucos mercados, ou até mesmo um banco por mercado. (Nami, 2012). Os protagonistas nesse mercado foram Hermann Schulze-Delitsch, para o VolksBank, com ênfase no meio urbano; e Friedrich Wilhelm Raiffeisen para o RaiffeisenBank, com ênfase no meio rural. (ACI, 2022).

As cooperativas de crédito alemãs contribuíram significativamente para o crescimento socioeconômico da nação ao apoiar iniciativas de forma adequada às necessidades de cada região e igualmente distribuídas. (Plessow, 2013). No que diz respeito às atividades de captação de empréstimos e concessão de microcréditos, são consideradas as instituições microfinanceiras pioneiras no mundo. A ideia de que o que uma pessoa não pode fazer sozinha, muitas pessoas trabalhando juntas podem, é um traço muito proeminente na base cultural e filosófica do cooperativismo alemão. (Plessow, 2013).

A Lei das Cooperativas (LCoop) e a Superintendência Federal de Supervisão Financeira, ou Bundesanstalt für Finanzdienstleistungsaufsicht (BAfin), cujo

superintendente é escolhido pelo Ministério da Fazenda, respectivamente, regem o setor de crédito cooperativo alemão. (Armbruster; Arzbach, 2004). O setor bancário alemão é dividido em 1408 instituições financeiras, e 814 são consideradas cooperativas de crédito, ou seja, 58% do total. (IMF, 2022). Além disso, desde 1937, o Fundo Garantidor permite a reorganização cooperativa por fusão e incorporação, evitando a falência de qualquer banco membro do sistema. (DGRV, 2022).

O sistema é regido por dois princípios: a regionalidade (a divisão do trabalho) e a subsidiariedade (a distribuição do mercado e das obrigações entre os três níveis do sistema). A regionalidade determina que só pode haver um banco cooperativo em cada área. Essas diretrizes limitam a rivalidade entre níveis e regiões. (Dgrv, 2022; Armbruster; Arzbach, 2004).

O Bundesverband der Deutschen Volksbanken und RaiffeisenBanken (BVR), modelo alemão de estrutura organizacional, é composto de três níveis: o primeiro nível é o fundamental, formado por cooperativas individuais, representadas pelos Bancos Populares, Raiffeisen Banks e mais de 150 cooperativas. O terceiro nível é o mais alto, formado pela organização de topo (DZ Bank AG); o segundo nível é o intermediário, formado pelas Federações Regionais e Federações Especiais de Auditoria representadas pelos Bancos Regionais ou Bancos Centrais (WGZ Bank e DZ Bank); e o terceiro nível é o mais alto. (Armbruster; Arzbach, 2004).

Três níveis de governança corporativa também estão presentes na estrutura interna de um banco cooperativo alemão, sendo: o Conselho ou Comitê Executivo é composto por dois diretores eleitos que se dedicam integralmente aos cargos; O Conselho Fiscal, nível intermediário, é composto por, no mínimo, três membros eleitos, e o terceiro nível é composto por membros ou delegados que votam nas regras primárias da cooperativa. (DGRV, 2022).

5 COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NO BRASIL

O cooperativismo de crédito no Brasil iniciou em 1902, em Nova Petrópolis, RS. Apesar de já ter iniciado suas operações a mais de 100 anos, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) foi criada apenas em 1969 e oficializada pela Lei das Cooperativas que visava a representação do cooperativismo no Brasil e tem como suas atribuições, promover, fomentar e defender o cooperativismo em todas as instâncias políticas e institucionais, orientando e incentivando as sociedades cooperativas. (Pinho, 2004).

No Brasil, o sistema cooperativo está estruturado em três níveis, seguindo a lei Nacional das Cooperativas: o primeiro nível compreende as cooperativas singulares ou de 1º grau, estabelecidas por sócios, conhecidas também como cooperativas basilares; o segundo nível compreende as cooperativas de 2º grau, centrais ou Federações estabelecidas pelo agrupamento de três ou mais cooperativas do 1º grau; e o terceiro nível, formado por cooperativas de 3º grau, confederações associadas de três ou mais cooperativas de 2º grau.

A diversidade do Cooperativismo de crédito brasileiro tem origem de duas fontes distintas formadas por cooperativas singulares:

A primeira delas originada nas raízes dos modelos Raiffeisen (Alemanha), Luzzatti (Itália) e Desjardin (Canadá) direcionada para o crédito mútuo, que configuram o Sistema Pioneiro. (Costa, 2014).

A segunda delas é formada por um eclético conjunto de cooperativas de crédito que nasceram no Sudeste-Sul do país, formadas a partir da combinação de diversas cooperativas populares de crédito formando o Sistema Sindicalista e Solidário. (Pinho, 2004; Costa, 2014).

Apesar da maior parte das cooperativas instaladas no país terem características diferenciadas, atualmente, a legislação adota apenas o termo cooperativa de crédito, embora, na prática, existam outras tipologias. (Nisk, 2011).

Quadro 2 – Tipos de Cooperativas de Crédito e áreas de atuação

Tipologia	Áreas de Atuação
Cooperativas de Crédito Mútuo de Empregados	Formadas por pessoas físicas vinculadas a uma ou mais pessoas jurídicas, definidas no estatuto, cujas atividades sejam afins, complementares, correlatas, ou pertencentes a um mesmo conglomerado econômico.
Cooperativas de Crédito Mútuo de Atividade Profissional	São formadas por profissionais dedicados a uma ou mais atividades definidas no estatuto, com objetivos afins, complementares ou correlatos.
Cooperativas de Crédito Rural	São formadas pessoas que atuam em áreas agrícolas, pecuárias, e extrativas, ou operações de captura e transformação do pescado.
Cooperativas de Crédito Mútuo de Empreendedores	São formadas por pequenos empreendedores cuja receita bruta anual seja igual ou inferior ao limite máximo estabelecido pelo art. 2o da Lei 9.841, de 5 de outubro de 1999, e alterações posteriores.
Cooperativas de Crédito Mútuo de Empresários	São formadas por empresários cujas empresas estão vinculadas diretamente a sindicatos ou associações patronais de grau superior, em funcionamento, no mínimo, há três anos.
Cooperativas de Crédito Mútuo de Livre Admissão de Associados	São formadas por todas as pessoas físicas e jurídicas interessadas.

Fonte: Costa (2014)

6 ASPECTOS COMPARATIVOS DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO E ALEMÃO

Em contraste com suas semelhanças, os sistemas cooperativos do Brasil e da Alemanha divergem significativamente. Há diferenças observáveis e importantes a serem destacadas na história da consolidação cooperativa nos dois países, apesar de suas origens iniciais, quando surgem como forma de ajuda mútua entre os trabalhadores para enfrentar coletivamente os efeitos negativos do processo de industrialização e urbanização. As cooperativas e o cooperativismo são expressões e reflexos de como cada sociedade se organiza e se desenvolve. O quadro 3 a seguir resume as principais características de cada período no seu respectivo país.

Quadro 3 –Resumo histórico comparativo dos sistemas cooperativistas

Alemanha		Brasil	
Período	Características	Período	Características
1850-1860	Primeiras Cooperativas no campo e na cidade	1880-1930	Primeiras Cooperativas no campo e na cidade
1890-1910	Intensivo desenvolvimento de cooperativas na área da construção - 1a Lei Cooperativista	1930-1950	Legislação cooperativista e Fundação da OCB
1920-1930	Intensa ampliação de cooperativas habitacionais	1950-1980	Desenvolvimento Cooperativas Empresariais
1945 - 1970	Leste - Organizado pelo estado Oeste - Apenas lenta ampliação	1980-1990	Redemocratização e Busca de autonomia
1970 - 1980	Formação de um movimento alternativo	1990-2000	Experiências de Economia social e solidária
1990 em diante	Unificação de Cooperativas, principalmente de consumo. Criação de cooperativas na área social e área de serviços.	2001 em diante	Nova legislação para as cooperativas de crédito Economia solidária como projeto de governo
Durante todo o período	Modernização Pluralização Solidariedade com sentido moderno	Durante todo o período	Modernização Pluralização Solidariedade com sentido pré-moderno

Fonte: Adaptado de Westphal (2008)

Após a identificação da série histórica de Brasil e Alemanha, aproveitamos para trazer dados comparativos da situação atual de cada universo de cooperativas de crédito em cada país.

Quadro 4 – Ativos Totais Brasil e Alemanha

Ativos Totais			
	2018	2020	% Crescimento
BRASIL (R\$)	2.116.114mi	3.378.886mi	59.67%
ALEMANHA (EUR)	1.293bi	1.030bi	-20.34%

Fonte: Adaptado de Portal do Cooperativismo de Crédito e Deutsche Bundesbank (2021)

Nesse primeiro quadro comparativo, primeiramente podemos observar claramente a diferença de representatividade das cooperativas nos dois países, sendo a Alemanha um país muito mais representativo em se tratando de ativos totais em comparação com o Brasil. Em seguida analisamos o crescimento, que em virtude da pandemia, o esperado seria o mesmo comportamento apresentado pela Alemanha, no entanto, no Brasil há um crescimento expressivo em plena pandemia. Apesar dos números de 2020 não serem nada animadores para as cooperativas alemãs, podemos notar que em anos anteriores o sistema de cooperativas já vinha encolhendo, o que dá indícios de desaceleração. Muito diferente do Brasil, que vem em um crescimento contínuo e em grande escala, aumentando também os pontos de atendimento como podemos ver no quadro 5.

Quadro 5 – Pontos de Atendimentos Brasil e Alemanha

Pontos de Atendimento			
	2018	2020	% Crescimento
BRASIL	5.412	6.485	19.82%
ALEMANHA	8.942	7.765	-13.16%

Fonte: Adaptado de Portal do Cooperativismo de Crédito e IMF (2021)

Em consonância com os ativos totais observamos o mesmo movimento em relação a pontos de atendimento das unidades cooperativas no Brasil e Alemanha mostrando que o mercado de cooperativas no Brasil está em ascensão e em franco crescimento, diferente da Alemanha.

Quadro 6 – Cooperados Brasil e Alemanha

Cooperados		
	2021	% população
BRASIL	14.6mi	7%
ALEMANHA	19.8mi	22%

Fonte: Adaptado de Portal do Cooperativismo de Crédito e IMF (2021)

Já no quadro 6 avaliamos a representatividade em números de cooperados nos dois países. Neste sentido, a Alemanha por ter um sistema cooperativista muito mais maduro e antigo consegue ter uma representatividade muito maior da população participando de cooperativas, diferente do Brasil que está atrás da Alemanha em representatividade. Portanto, ainda há muito espaço a ser conquistado pelas cooperativas de crédito no Brasil.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sistemas cooperativos no Brasil e na Alemanha eram mais diferentes do que comparáveis, de acordo com esta pesquisa comparativa. Mas também mostrou que ambos estão firmemente enraizados nas culturas em que existem e são importantes instituições econômicas, sociais e políticas, pois mobilizam somas substanciais de dinheiro, além de serem grandes empregadores e atenderem às necessidades de seus constituintes.

Nos sistemas financeiros de muitos países em todo o mundo, as cooperativas financeiras são participantes ativos. Para as famílias e para as pequenas e médias empresas, constituem uma fonte confiável de crédito e um refúgio seguro para os seus depósitos. As cooperativas financeiras mantiveram seu apelo e viabilidade contínuos devido à orientação sem fins lucrativos (em muitos casos) e ao foco da maximização de vantagens para membros. (Mckillop, 2020). Desde a crise financeira global, quando muitos bancos comerciais com fins lucrativos reduziram o crédito a pessoas físicas e jurídicas, as cooperativas financeiras frequentemente continuaram a oferecer crédito a seus membros.

No final do século XIX, trabalhadores pobres da cidade e do campo fundaram o movimento cooperativo alemão. Apesar de os imigrantes europeus no Brasil terem sido responsáveis pelo crescimento inicial do cooperativismo, é o Estado que promove ativamente o desenvolvimento cooperativo desde a década de 1950. (Westphal, 2008).

O procedimento de auditoria externa das cooperativas é um dos diferenciais. Na Alemanha, são realizadas por associações criadas especialmente para esse fim. Têm função preventiva, corrigindo os rumos econômicos das cooperativas com o objetivo de solucionar os problemas que surgem. No Brasil, as auditorias não estão em andamento, mas no sistema agrícola, o Estado as realiza mediante algum tipo de incentivo. Desta forma, o Estado tem influência e autoridade sobre as cooperativas.

O cenário brasileiro não é necessariamente ruim, apesar das grandes diferenças numéricas entre as nações, tendo a Alemanha um sistema de crédito cooperativo mais integrado e quantitativamente expressivo. Os dados relatados neste artigo podem ser considerados respeitáveis dado o início tardio do cooperativismo no Brasil, mas é claro que ainda há um longo caminho a percorrer antes que o sistema brasileiro possa competir com os melhores sistemas de crédito cooperativo do mundo.

O crédito cooperativo no Brasil tem que receber a atenção que merece, além de ser divulgado com sucesso pela população brasileira, que ainda desconhece todas as vantagens e facilidades que ele oferece. A chave para o desenvolvimento e expansão de um modelo de concessão de crédito capaz de atender a todos com eficiência é a ampla adoção desse sistema e a consequente entrega de serviços de alta qualidade e pontualidade em todo território brasileiro de forma menos formal e mais amigável.

REFERÊNCIAS

ACI. **Aliança Cooperativa Internacional**. Disponível em: <https://www.ica.coop/en/cooperatives/what-is-a-cooperative>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ARMBRUSTER, P.; ARZBACK, M. **O Setor Financeiro Cooperativo da Alemanha**. 3a. Edição. San José, CR: DGRV, 2004.

CAMARGO, L. C. **Cooperação e cooperativismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, v. 4., 1960.

CANASSA, B. J.; LIMA, F. G.; COSTA, D. R. de M. **Procura por crédito em cooperativas e bancos comerciais brasileiros: ela se relaciona com a atividade econômica?** Revista de Gestão e Organizações Cooperativas. Santa Maria, v. 9, n 17, e18, Jan./Jun., 2022.

COSTA, Ilza de Souza. **Análise do cooperativismo de crédito: um comparativo entre Brasil e Alemanha**. 2014. 191 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", Rio de Janeiro.

CUEVAS, Carlos E.; BUCHENAU, Juan. **Financial Cooperatives**. 2018.

DE MOURA CUNHA, George Henrique *et al.*,. **O sistema de crédito cooperativo: análise histórico-comparativa entre o Cooperativismo de Crédito Brasileiro e o Alemão**. Revista ESPACIOS | Vol. 36 (Nº 02) Año 2015, 2015.

DESROCHE, H. **Le projet coopératif. Parios : Les Éditions Ouvrières**. 463 p., 1976. DGRV - Deutscher Genossenschafts und Raiffeisenverband e. V. Disponível em: <http://www.dgrv.org>. Acesso em: 20, nov. 2023.

DEUTSCHE BUNDESBANK. **The performance of German Credit Institutions in 2020**. Monthly Report September 2021. Disponível em: <https://www.bundesbank.de/resource/blob/877280/5ba1ea7c47c06b989b236a91bcd5667e/mL/2021-09-ertragslage-data.pdf>. Acesso em: 20, nov. 2023.

FALKEMBACH, F. R.; WITTMANN, M. L. & BOF, V. A. (2023). **Capital Social, Cooperativismo e Desenvolvimento: Um Estudo em uma Cooperativa de Crédito**. Revista Desenvolvimento em Questão, Ijuí, Ano 21 • n. 59 • 2023 • e12372. DOI: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2023.59.12372>

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, edição Histórica de 100 anos. 5a Edição, pp 2.222., 2010.

IMF. **International Monetary Fund**. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/fssa>. Acesso em: 20, nov. 2023.

GIL, A. C. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas.

MALHOTRA, N. R. (2001). **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman.

MCKILLOP, Donal *et al.*,. **Cooperative financial institutions: A review of the literature**. *International Review of Financial Analysis*, v. 71, p. 101520, 2020.

MEINEN, Ê. PORT, M. **O Cooperativismo de Crédito Ontem, Hoje e Amanhã**. Brasília: CONFEBRAS, 2012.

MENDES, A. C.; SANTANA, E. G.; SOTEROLL, H. D.; MARTINS, S. **Análise do Processo de Destinação das Sobras Operacionais em Cooperativas**. Revista de Gestão e Organizações Cooperativas. Santa Maria, v. 9, n 18, e13, 2023.

MENEZES, Antônio. (2005). **Nos Rumos da Cooperativa e do Cooperativismo**. Brasília: Stilo.

NISK, F. M. **O Cooperativismo de crédito e a bancarização no Brasil: transformação nos aspectos institucionais de seu desenvolvimento**. UFSC, 2011.

PINHO, D. B. **O Cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira à vertente solidária**. São Paulo: Saraiva, 2004.

PLESSOW, C. **Tarefa Serviços da Confederação Nacional DGRV**. Deutscher Genossenschafts und Raiffeisenverband e. V. Bonn, Alemanha: DGRV, 2022.

PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO. Disponível em: <http://cooperativismodecredito.coop.br/>. Acesso em: 20, nov. 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de (2013). **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. E-book, 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale.

SACCOL, A. (org); DA SILVA, L. V. ; MACHADO, L.; AZEVEDO, D. (2012) . **Metodologia de pesquisa em administração : uma abordagem prática** / Amarolinda Saccol ... [et al.,.]. – São Leopoldo, RS : Ed. UNISINOS.

SCOPINHO, R. A. **Sobre cooperação e cooperativas em assentamentos rurais**. Psicologia e Sociedade. UFRGS, v. 19, 2007.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

THENÓRIO FILHO, Luiz Dias. (2002). **Pelos caminhos do cooperativismo: com destino ao crédito mútuo**. (2a ed.) São Paulo: Central das Cooperativas de Crédito do Estado de São Paulo.

THIOLLENT, M. J. (org.). **Pesquisa-Ação e Projeto Cooperativo na perspectiva de Henri Desroche**. São Paulo: Edufscar ,1a Ed., p. 240, 2006.

WESTPHAL, V. H. (2008). **Os sistemas cooperativistas brasileiro e alemão: aspectos comparativos**. Revista de contabilidade e organizações, 2(4), 40-54.

WOCCU. **World Council of Credit Unions**. Disponível em: [ttp://www.woccu.org](http://www.woccu.org) e <http://cooperativismodecredito.coop.br>. Acesso em: 20, nov. 2023.

Contribuições de autoria

1 – Bernardo Balejos Frantz

Doutorando e Mestre em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
<https://orcid.org/0000-0003-2297-5653> - frantzbernardo@hotmail.com
Contribuição:Conceituação, Escrita – primeira redação,

2 - Patrícia Karabasch da Silva Brustolin

cursando Pós-Graduação EstritoSensu em Gestão e Negócios - Área de Concentração: Estratégia e Competitividade. Atualmente gerencia a área de Recursos Humanos do Grupo Plínio Fleck.

patriciaaksb@hotmail.com - <https://orcid.org/0009-0008-6223-9611>

Contribuição: Administração do projeto, Metodologia

3 - Isnar Rodrigo Santos dos Passos

Possui graduação em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos(2009). Tem experiência na área de Administração.

Isnar.passos@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0006-7351-6974>

Contribuição: Administração do projeto, Metodologia

4 - Carlos Giovanio Rhis

Superintendente Comercial Banco do Brasil

cgrhis@yahoo.com.br - <https://orcid.org/0009-0000-4904-1741>

Contribuição: Investigação

5 - Luis Felipe Maldaner

Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Sistema Nacional de Inovação, atuando principalmente nos seguintes temas: inovação, desenvolvimento, tecnologia, política industrial e estratégia, comércio exterior e internacionalização.

fmaldaner@unisinos.br - <https://orcid.org/0000-0001-8462-1928>

Contribuição: Escrita – revisão e edição, Metodologia

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos autorais

Os autores dos artigos publicados pela RGC mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A RGC mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editores de seção

Vitor Kochhann Reisdorfer, Carla Sccott.

Editora Chefe

Marcia Helena dos Santos Bento.

Como citar este artigo

FRANTZ, B. B.; BRUSTOLIN, P. K. da S.; PASSOS, I. R. S. dos; RHIS, C. G.; MALDANER, L. F. Cooperativas de crédito: Uma análise comparativa entre o sistema de crédito CooperativodaAlemanhaedoBrasil. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, Santa Maria, v. 12, n. 23, e85878, 2025. DOI 10.5902/2359043285878. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2359043285878>.